



APRESENTAÇÃO

Este livro é o resultado de uma seleção rigorosa de uma centena de textos, os que aqui aparecem foram os mais representativos para a temática adotada para este livro.

Os trabalhos compõem um cenário que recobre, cada um na sua especificidade, a questão central da singularidade. Ao tratar de temas como escola, clínica, pesquisa, cultura e adoecimentos os mais variados, os autores destacam a importância de trazermos para o plano central das nossas reflexões a marca do irreproduzível e da distinção que ocorre a cada evento ou ação de um sujeito, onde cada um a seu modo acessa o desejo e expressa a sua singularidade.

O leitor encontrará neste livro uma pluralidade de concepções teóricas que abordam a temática, sem que, no entanto, isso represente um *patchwork*, mas sim uma coletânea de ideias que nos ajudam de forma pluridisciplinar tecer respostas mais elaboradas e precisas sobre o objeto de nossos estudos.

Os textos escolhidos foram divididos em oito sessões, a primeira dedicada aos trabalhos sobre a primeira infância, aqui o leitor encontrará textos que apresentam a clínica com bebês a partir de relatos, que favorecem uma compreensão do campo de trabalho que são desenvolvidos hoje junto aos bebês e seus pais além de referências precisas sobre as pesquisas que embasam essa prática clínica.

Na segunda parte os autores se voltam para a clínica da criança, apresentando os novos desdobramentos que permitem uma compreensão distinta da forma clássica de atendimento das crianças. A terceira parte é reservada à clínica do adolescente, revelando seus impasses e sua complexidade no trato com esses sujeitos que revelam na sua singularidade as dificuldades relacionais e os empecilhos comunicativos com o outro.

Já na quarta sessão os textos selecionados abordam o crescente e importante trabalho de detecção a tempo dos sofrimentos psíquicos dos bebês, a partir da análise e da utilização de instrumentos validados no Brasil e em outros países, os pesquisadores nos mostram caminhos promissores e possíveis para o trabalho de detecção e clínica para aqueles que ainda não tem na fala a língua que lhes permitiriam reivindicar uma atenção mais precisa e a tempo.

Os textos da quinta parte foram reunidos por tratarem de uma clínica específica com características e estratégias voltadas para a escuta e intervenção com crianças e adolescentes autistas e psicóticos. Nela os autores apresentam também os processos constitucionais e a dimensão relacional entre o sujeito e outro.

A sexta sessão, bem mais plural que as anteriores, apresenta um escopo variado de trabalhos que analisam de forma instigante a relação das crianças e dos adolescentes com a cultura, seus conflitos com a lei e as gerações que os precedem, suas questões no trato com o corpo, e as identificações e os processos de sexuação, e o seu movimento dialético de busca de autonomia.

A última sessão reúne os trabalhos sobre a educação, eles abordam o necessário, porém complexo, trabalho de inclusão. Todos, a partir da realidade que relatam, apresentam a perspectiva do trabalho a partir da singularidade e questionam o processo de massificação que não permite e exclui a possibilidade da diferença entre as crianças e os adolescentes.

As marcas da singularidade ficam evidentes ao longo deste extenso, mas prazeroso livro, que na sua diferença, composta por autores de diversas regiões do Brasil e da França, conseguem nos mostrar o que as crianças e adolescentes nos revelam em suas estratégias comunicativas, e nos desafios que encontram para se constituírem e firmarem-se frente ao outro.

Uma das grandes dificuldades de análise do conjunto de temas tratados nesse livro se deve ao mosaico temático gerado por sua miríade de perspectivas, cujos resultados, em muitos casos, são contexto-específicos. Contudo, duas categorias que perpassam de uma forma ou

de outra, os temas abordados – singularidade e diferença- foram escolhidas na tentativa de 'homoginizar' o material apresentado, mas que, por um lado, representam considerável dificuldade teórica, e por outro, indicam um sólido farol de conectividade dialógica abrangendo muitas das várias perspectivas contemporâneas dos estudos de crianças e adolescentes.

13

Considerando-se o desenvolvimento e a irreversível transição entre crianças e adolescentes, de alguma forma somos obrigados pensar em 'continuidade' epigenética, em oposição a uma suposta descontinuidade ao longo do livro. Se essa percepção estiver correta, o tema da continuidade, nesse caso, precisa ser colocado em perspectiva. A descontinuidade seria plausível se levássemos nossa discussão em direção à esfera evolutiva, onde sem dramáticas diferenças, sob o ponto de vista biológico, poderia ser argumentado que a descontinuidade seria meramente um sintoma, um 'gap', nas atuais evidências relativas ao parentesco entre os humanos e as outras espécies. Nesse sentido, as capacidades cognitivas humanas e as construções culturais seriam vantagens excepcionais, à maneira de Descarte, da espécie humana.

Mas alguma aconteceu! E aqui não seria oportuno discorrer sobre algo já estabelecido, isto é, de que não existe evidência de nenhuma descontinuidade genética, dramática, entre humanos e seus parentes primatas, chipanzés por exemplo. As duas espécies compartilham 95% de seus materiais genéticos considerando-se as mais conservadoras estimativas. Por outro lado, existem más notícias para os reducionistas que veem na genética uma explicação universal sobre o tema. Grande parte dos antropólogos mais conservadores parecem atestar, em direção oposta, que as aquisições sociais e a transmissão da cultura seguem outra rota. E nesse sentido, também reducionista, não se encontram em melhor posição que os geneticistas.

Em trabalho seminal, Chris Sinha (1988) argumentou a favor de um socio-naturalismo epigenético que contornaria, com argumentos sólidos, e proféticos, uma teoria unificada em favor da 'continuidade'. Essa base epistemológica seria um bom início de nivelamento que minimizaria eventuais idiosincrasias entre os textos contidos nesse livro.

Uma última palavra sobre singularidade. No atual mundo acadêmico o sujeito, singular, tem sido um elemento analítico elusivo. A preocupação demonstrada com o sujeito nesse evento internacional é um bom indicio de orientações temáticas futuras. Somente com a superação de fronteiras entre disciplinas, contemplando juntas múltiplas narrativas e tradições empíricas diversas pode-se entender a construção dos discursos experienciais dos sujeitos. E, *Vive la différence! Vive le sujet!*

**Christian HOFFMANN
e José Carlos CAVALHEIRO**